

19º. Domingo depois de Pentecostes Próprio 24

1ª leitura (Antigo Testamento): Isaías 53:4-12

A leitura deste domingo nos coloca novamente diante de um dos: "Cantos do Servo Sofredor" do Trito-Isaías (55-66). Essa última parte do profeta Isaías foi escrita pelos primeiros exilados a retornar da Babilônia antes da reconstrução do Templo, isto é, entre 538 e 515 a.C. Os Cantos do Servo sofredor foram vistos pela Igreja Cristã desde seus primeiros tempos como o prenúncio da morte de Cristo na Cruz pelos pecados de toda a humanidade (cf. Mt 8:17 e At 8:32 entre outros). No entanto na época do fim do exílio estes cantos tiveram a função de marcar a mudança do tempo do sofrimento para o tempo da redenção. O tempo do sofrimento, durante os mais de 40 anos de exílio (representado pelo sofrimento do Servo), não teria sido em vão, pois a angústia serviu para preparar o povo para viver a fidelidade a Deus e a felicidade com Deus de uma forma totalmente nova, ou de uma forma perfeita (isto é, completa ou integral).

Neste texto o sofrimento do povo do exílio é descrito no versículo 4: *Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido* (Almeida)

No versículo seguinte é marcada a mudança de tempo e condição: *"...o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados"*

É um novo tempo onde o castigo dá lugar a paz e as feridas dão lugar à saúde. É uma mudança radical para a qual esses cantos de Isaías querem preparar o povo. O povo deve entrar no novo tempo de forma consciente e entusiasmada e para isso primeiro não deve esquecer das lições do passado (que lhe causaram angústia e sofrimento) mas também não deve ficar preso às lamentações, mas levantar o olhar para as novas maravilhas que Deus pode fazer no presente e no futuro.

Nos versículos 6 a 10 se dá o mesmo processo de mudança. Antes o povo (veja no v.6 a expressão *"Todos nós..."*) não podia falar, não tinha liberdade de expressão ao tempo que era explorado e oprimido pelos seus algozes (v.7). Um julgamento conduzido por opressores injustos tinha condenado este povo à morte (v.8-9). Mas este tempo mudou e o silêncio forçado, o juízo injusto e a morte foram substituídos por uma longa vida e pela plena execução da vontade de Deus (v.10). Essa plenitude da realização da vontade de Deus se traduz em: Que o povo veja o fruto do seu próprio trabalho levando salvação a muitos e não sendo apropriado por pouco (como era na Babilônia, cf. v.11). Ter sua parte nos bens que antes estavam exclusivamente nas mãos dos poderosos (v.12).

Esta leitura permite ver novas aplicações cristológicas para os Cantos do Servo Sofredor. A morte de Cristo na Cruz não pode servir para a mera aceitação do sofrimento mas para marcar uma mudança radical entre o tempo antes da Cruz e o tempo depois da Cruz. Um tempo em que não sejamos mais

como os governantes opressores, mas um tempo no qual quem queira ocupar a primazia deve ser servo de todos/as (Mc 10:42-44). (HMG)

2ª leitura (Epístola) Hebreus 4.12-16

A leitura de hoje faz parte de um bloco de dois cortes distinguíveis, digamos: (a) 3.1-4.13 - Cristo é fiel e (b) 4.14-5.10 - Cristo é misericordioso.

Há duas partes na leitura de hoje. Vs. 12-13 - não se pode brincar com Deus. Tudo fica descoberto para Deus. A Palavra de Deus é apresentada pela metáfora de seus agentes que funcionam como espada de dois gumes. Por exemplo, falando sobre o Servo em Isaías 49.2, o autor recorre à figura da língua afiada como espada e da flecha pontiaguda já no arco e prestes a ser lançada. Também, Jeremias vê a Palavra como fogo ou martelo que tritura as pedras, (23.29). A imagem dos dois gumes sugere a fácil penetração. O local onde se junta o espírito e a vida (alma) mostra até a base da vida. Em poucas palavras, para a Palavra não há o que esconder. Tudo está nas mãos de Deus, "para quem não há segredo algum"...(LOC). Os dois gumes sugerem, também, que a espada corta para todos os lados, tanto para os que fazem uso da Palavra como para quem a ouvem. Ai está a tradição dos profetas.

Vs 14-15 Após falar na palavra viva de Deus hoje (embora tenha usado os textos do Antigo Testamento, pois para o autor, Deus fala hoje, e essa Palavra não é definida somente como a Escritura do AT. O importante é: o aviso lá é aviso aqui), o autor faz dois apelos: (1) mantenhamos firme a nossa fé (cf.3.6, firmeza da esperança) e (2) aproximemo-nos do trono da graça, uma metáfora da oração. É possível perseverar na caminhada do discipulado na fé, amor e esperança e na oração, a despeito de muitas contrariedades. O incentivo, o que leva a esse apelo está na natureza de Cristo. Jesus - aquele que é tomado dentre nós, participou e participa de nossa condição humana, foi testado em tudo e mostrou-se compassivo, é irmão em nossa caminhada - o qual tem uma relação única com Deus, sendo essa unicidade expressa pelo termo o Filho de Deus.

A base da de nossa firmeza na fé e ousadia, liberdade e de confiança em nos aproximarmos do trono da graça (metáfora da oração) está nessa junção em Jesus Cristo, o qual entrou na presença de Deus para interceder por nós. Essa presença é descrita através de várias metáforas como "descanso de Deus", "herança", a "cidade de Deus", a vida de comunhão com Deus, localizada não apenas lá, mas antecipada aqui, no que se chama de hoje.

Temos, assim, sugestões sobre a vida aberta que a Palavra nos ajuda a ter. Há, também, a sugestão sobre como manter-se fiel em compaixão, sem cair em desespero, pois Quem nos precedeu e nos acompanha é fiel e misericordioso. Essa junção da fidelidade e misericórdia nós vemos, também, na figura do Servo Sofredor (Is 53). Aqui há uma possibilidade de refletir sobre a mediação de Cristo em vários aspectos da vida pessoal e da Igreja. Pois a mediação é uma forma de poder e a questão do poder é tratada nas três leituras de hoje. Há uma convergência entre as três leituras, em termos de figura, "para servir e dar sua vida em resgate de muitos" (Mc 10.45), "o meu Servo, o Justo...tornará muitos justos" (Is 53.11), Jesus, o Filho de Deus, Sumo Sacerdote. É bom se lembrar de que o reinado de Deus, o céu, a

presença de Deus, a comunhão, a idéia de Cristo em nós e nós nele, e a metáfora da cidade de Deus são praticamente sinônimos. (ST)

Santo Evangelho: Marcos 10.35-45

Muitas vezes, quando pedimos alguma coisa a Deus, não sabemos exatamente as conseqüências desses pedidos. Esta semana, em uma reunião de oração, uma irmã de nossa paróquia pediu oração por sua filha que está um tanto afastada de Deus e da comunidade. Imediatamente uma outra irmã interferiu dizendo: mas será que você está consciente do que está pedindo? As vezes Deus coloca os problemas e as dificuldades diante de nós para nos voltarmos para Ele. Se orarmos pedindo que sua filha se volte para Deus, teremos que aceitar as dificuldades e tribulações que podem vir sobre ela. Mesmo sem querer julgar o mérito da questão, é importante perceber que nossos pedidos têm conseqüências sérias.

No texto do Evangelho de hoje estamos diante de um pedido desta natureza. Depois de ouvir um discurso em que Jesus falava de sua morte e ressurreição, dois de seus discípulos nos surpreendem com um pedido no mínimo equivocado: "permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e outro à tua esquerda". Jesus, em resposta ao pedido de Tiago e João, faz uma exposição sobre porquê não vai atender o pedido. Esta exposição é extremamente relevante para nós também porque ela nos fala dos perigos de um pedido mal feito.

Pensando nisso meditaremos hoje sobre o seguinte tema: "Quando nossos pedidos são perigosos".

Nossos pedidos se tornam perigosos quando eles, em primeiro lugar, refletem a ideologia dominante. Normalmente compreendemos que "ideologia" é uma forma particular de ver o mundo; uma forma normalmente ligada à classe dominante. Aquelas pessoas que fazem parte das camadas subalternas da sociedade e pensam da mesma forma como pensa a classe dominante, raciocina com as mesmas categorias e possuem as mesmas respostas e desejos, são chamadas de "alienadas". No mundo onde vivemos, somos diuturnamente bombardeados com mensagens e propagandas que procuram influenciar nossa mente para usar, comprar, vestir, fazer, comer, etc. Muitas vezes não nos apercebemos do quanto esta influência cultural já se apoderou de nossa mente e dos nossos valores. Vemos isso especialmente na oração. Nos momentos de oração abrimos nossos corações e, sem qualquer reserva, colocamos para Deus nossos mais secretos desejos. É aí que se revelam nossas obsessões pelos mesmos objetos e ícones de nossa sociedade. João e Tiago pediram reconhecimento, poder, honra. Jesus disse que entre as pessoas do mundo isto é assim, "mas entre vós não será assim". ... e nós, o que pediríamos?

Em segundo lugar, nossos pedidos se tornam perigosos quando nós não prevemos as conseqüências. Sentar ao lado de Jesus implicava em beber o mesmo cálice e receber o mesmo batismo (v. 38). Este versículo nos fala claramente do cálice de fel que beberia e de seu batismo em sangue, seu sangue. Jesus nos está falando de seu sofrimento e de sua agonia na cruz. Receber os louros da vitória significava passar pelos mesmos sofrimentos e angustias. Muitas vezes pedimos algo durante anos a Deus. Nos entristecemos

porque Ele nunca atende nossa oração. Mas não percebemos que por trás de seu silêncio está sua misericórdia, que não nos dá aquilo que não podemos suportar. Ele é muito mais sábio que nós. E nós, totalmente imediatistas.

Finalmente, nossos pedidos se tornam perigosos quando eles não envolvem o serviço. Embora não sejamos salvos pelas nossas obras, são elas que vão nos credenciar como hipócritas ou não. De nada adianta uma oração bonita, palavras empoladas, adjetivo bem empregados, se nosso coração está longe de Deus. (JLFA)